

JULIA**RAMALHO**

UMA VIDA DEDICADA AO BARRO E À ARTE POPULAR
APONTAMENTO BIOGRÁFICO

Ramalho - a barrista da cor de mel

- *Há quantos anos trabalha no barro?*

- *Tenho 20. Aí há dez. Isso: quando tinha 10 anos comecei a trabalhar no barro.*

- *Tem ganho dinheiro?*

- *Não muito, ainda. Mas tenho a certeza de que ainda hei-de ser uma das maiores barristas de Barcelos.*

- *Porquê?*

- *Os meus bonecos são diferentes de todos os outros. São mais perfeitos do que os do João Domingos da Rocha, do Mistério ou da Rosa Côta, não acha?*

- *Não conheço os bonecos do João Rocha, nem da Rosa Côta.*

- *Ainda hão-de-ser mais perfeitos e belos do que os dos bons tempos da minha avó Ramalha.*

- *A sua avó ensinou-a?*

- *Não. Nunca me ensinou. Teve sempre a ideia de me corrigir. Ora, eu não preciso de ser corrigida. As coisas que eu vejo são diferentes da maneira de ver as coisas que outras pessoas têm. Depois, são os sonhos... As pessoas do mundo não têm dois sonhos iguais. Os meus sonhos faço-os depois no barro.*

(...)

- *Vai contar tudo isto no jornal?*

- *Talvez. Ainda não sei bem.*

- *Gostaria muito que o senhor escrevesse isto no jornal. Preciso que os jornais comecem a falar de mim. Um dia serei uma grande barrista e é preciso que os jornais falem de mim, de vez em quando.*

(...)

Ri muito, a velha. E é um sorriso cheio de liberdade; um sorriso faceto e cheio de liberdade, isso mesmo. A rapariga Júlia não sorri muito. Observa-nos a mim e à velha Ramalha e continua a refletir a mesma curiosidade de há pouco. Depois encaminha-me até à oficina onde trabalha e mostra-me numerosos bonecos.

São meus – diz. – Os primeiros que assinei. Vê (Volta um dos barro): aqui está jota erre, Júlia Ramalha. Já vendi alguns, mas as pessoas preferem os da minha avô (ri) e muitos deles foram feitos por mim”.

O diálogo que abre a história de vida de Júlia Ramalho aconteceu há precisamente 50 anos e foi registado pelo jornalista Batista Bastos, que o relatou no livro “As palavras dos outros” (crónicas e reportagens) cuja primeira edição remonta ao ano de 1969. Verdade seja dita, que só tomamos conhecimento deste livro quando nos deparamos com extratos do citado diálogo no blog *feiradebarcelos*¹, aquando da investigação efetuada no âmbito deste trabalho. Julgamos que naquela reportagem estão impressas as primeiras declarações públicas da barrista de Galegos São Martinho. E, pelo que lemos, constata-se que se algo mudou no temperamento de Júlia Ramalho não foi certamente a ousadia e a assertividade com que diz aquilo que pensa.

Este pequeno mas elucidativo pedaço de entrevista, registado quando a barrista apenas tinha vinte anos e ainda vivia sob o “manto” da avó Rosa, dá o lamiré certo sobre a personalidade de Júlia Ramalho e o mote para aquilo que viria a ser o seu percurso de vida.

As frases: “gostaria muito que o senhor escrevesse isto no jornal. Preciso que os jornais comecem a falar de mim” e “tenho a certeza de que ainda hei-de ser uma das maiores barristas de Barcelos”, além de uma deliciosa arrogância demonstram o sonho da jovem aldeã abraçar o topo do mundo com ambas as mãos, as mesmas que modelando o barro fizeram dela uma barrista de extraordinária dimensão artística.

É sobre esta menina, moça, mulher, mãe, avó e artista que versa a história de vida de Júlia Ramalho.

¹ [Http://feiradebarcelos.com/blog/rosa-e-julia-ramalha-barristas.html](http://feiradebarcelos.com/blog/rosa-e-julia-ramalha-barristas.html)

As raízes da barrista

Maria Júlia Oliveira Mota. Dito assim, este nome passaria despercebido ao comum dos mortais e até a muitos especialistas e colecionadores dos barros de Barcelos. Mas se, em vez disso, dissermos Júlia Ramalho, logo se perceberá quem é a dona do nome e a carga simbólica que o apelido carrega.

A alcunha Ramalho é uma herança da sua avô paterna, a Rosa dos dois RRs, essa mesmo que ergueu e levou a fama do Figurado de Barcelos a praticamente todo o mundo. Júlia herdou da sua avó a alcunha e, mais ainda, a arte de trabalhar o barro. Tanto, que disso fez modo de vida capaz de criar os seus seis filhos, sobreviver aos mais de setenta anos que já lhe pesam no corpo, e ser reconhecida como uma barrista de excelentes recursos técnicos e enorme criatividade.

Júlia Ramalho nasceu em Galegos São Martinho, no lugar da Cova, no dia 3 de Maio de 1946. Nesse ano, a sua mãe não pôde ir à Festa das Cruzes; a rapariga logo se havia de lembrar de nascer no dia principal da primeira grande romaria minhota.

Maria Júlia Oliveira Mota, assim consta no Registo Civil, é filha de Rosa Oliveira Maia, natural da freguesia de Oliveira e de José Gonçalves da Mota, nascido em Galegos São Martinho, freguesias do concelho de Barcelos.

Júlia nasceu na casa da avó paterna, a famosa barrista Rosa Ramalho, e é bisneta da *Ti Emília Ramalha*, “até lhe chamavam a Ramalha Velha” e de Luís Lopes que, segundo consta, exercia o ofício de sapateiro.

O avó paterno, António Mota, com quem a pequena Júlia privou até aos dez anos, trabalhava grande parte dos dias como moleiro, mas também dava uma ajuda nas lides do barro. “A minha avó e o meu avô trabalhavam juntos. O meu avô era moleiro e trabalhava muito mal no barro. A minha avó chamava-lhe *caravelho*. E o meu avô chamava-lhe *toupeira*”.

Os avós maternos chamavam-se Emília e Manuel. Esta avó dedicava-se à lavoura, trabalhava *ao jornal*, mas “quando ficou doente passou a viver de esmolas”. O avô,

Manuel Oliveira Maia, era carpinteiro e tinha a alcunha de *serrador*: calcorreava os montes da região a abater pinheiros, destinados à madeira das travessas das linhas do caminho-de-ferro. Este avô materno terá vindo parar à freguesia de Oliveira, onde conheceu e casou com Emília. Chegou da localidade da Maia, na tentativa de fugir à guerra de catorze. “Ele não era mau, mas também não era muito bom. Foi para França, emprestou ou deu o dinheiro todo a um amigo e a família aqui a passar fome...”.

Na literatura publicada sobre a vida e a obra de Rosa Ramalho, consta que a velha artesã só teria voltado ao trabalho do barro depois da morte do seu marido. Júlia, porém, contraria essa tese e assegura que a sua avó “já trabalhava no barro antes do avô falecer”. É verdade que Rosa ocupava parte da sua vida na distribuição das fornadas de farinha carregadas pelo burro *fadista*. Mas no tempo que sobejava dedicava-se a fazer bonecos de barro no pequeno telheiro da casa onde todos moravam e onde o pai de Júlia tinha também uma pequena indústria caseira de barros, que dava ocupação a mais rodistas e oleiros.

O meu avô era moleiro, mas, entretanto, resolveu vender o burro ao Rominé de Galegos. Deixou de moer e a minha avó deixou de levar as fornadas. Ele passou a ajudá-la mais no barro. Mas não fazia nada em condições, coitadinho!

Ele era moleiro, mas nunca foi proprietário do moinho. Era empregado dos Coutinhos de Barcelos. Moía em S. Veríssimo, na azenha do rio Cávado, que depois foi fábrica do papel. Além de milho, também moía alfarrobas. Nós, os netos, comíamos tudo, e depois o meu avô não tinha como pagar ao patrão. Sabe o que ele dizia ao Coutinho? A alfarroba vem muito fresca, apega-se à pedra e não dá tanta farinha como devia dar. Como podia dar, se nós as comíamos. Aquilo é bom! Eu, ao fim de muitos anos, em 1965, estava a fazer a feira no Museu de Arte Popular e lá à porta havia um homem a vender alfarrobas. Comprei-lhe logo cinco c'roas delas porque já tinha saudades de comer aquilo.

Nem imagina como era bom estar no moinho: ouvia-se a água do rio a passar, as pedras da moagem, ruc-ruc, ruc-ruc... e o cheirinho a farinha! Não havia vida melhor do que aquela que levei com o meu avô nas azenhas. Eu era muito pequenina ainda. Depois aconteceu tudo (a vida do barro) a partir dos meus 10 anos.

A criancice de Júlia não foi passada apenas na habitação de Galegos São Martinho. De longe a longe, a rapariga acompanhava a mãe até à freguesia de Oliveira, visitando a restante família da sua progenitora. Muitas vezes, fazia-se noite e ela acabava por ficar uns tempos na casa dos tios.

Júlia ainda se recorda da pobreza desse casebre mas sente saudades do convívio com os familiares e amigos.

Passei parte do tempo em Oliveira. A minha mãe ia lá visitar a mãe dela e o resto da família e levava-nos. E depois fazia-se noite e eu acabava por ficar lá, só vindo uns dias depois. Sabe o que é ser pobres, pobrezinhos...?! Mas tínhamos uma cabrita que dava leite. A janela estava rachada e deixava entrar frio. Mas era bom estar na cama e por aqueles buraquinhos ver Braga de manhã cedo.

Tanto a barrista como os seus 5 irmãos nasceram na casa dos avós, implantada no lugar da Cova, em Galegos São Martinho, uma habitação que foi crescendo à medida que a família também crescia. O avô da rapariga, além de moleiro, tinha jeito para a carpintaria e ia erguendo novos aposentos em madeira, conforme fosse preciso.

Fazia um pedaço de casa e quando não quisesse ou precisasse, deitava abaixo e fazia de novo. Uma parte da casa era feita em tijolo e pedra, e depois com madeira o meu avô ia acrescentando. Mais um coberto para cozer a louça, mais um pedaço de casa para meter um porco, acrescentos conforme se ia

precisando.

E o velho António Lopes bem necessitava de fazer mais aposentos na casa. Não fosse a pobreza do humilde casebre, havia dias que mais parecia uma hospedaria.

Viviam lá a minha avó e o meu avô, dois netos que eles criaram de uma filha que estava casada no Porto, os meus pais e os seis filhos. E também lá viveu o pai do dr. João Macedo, o João da Branca que também dormia na nossa casa, porque ele aprendeu lá a trabalhar à roda. Não me lembro muito bem das feições dele, mas lembro-me do que ele me fazia; pegava em mim ao colo...

E às vezes ainda acolhíamos uma mulher que morava no lugar da Cova. Tinha um homem que se embebedava muito e quando chegava a casa dava-lhe coças. Ela, quando podia, fugia para nossa casa. Vinha descalça, em combinação e metia-se na cama das minhas irmãs. A mulher chegava ali gelada, coitada.

A casa tinha quatro quartos e às vezes tínhamos cinco: quando fizesse falta mais algum, o meu avô pegava em tábuas e fazia mais um quarto. Uma minha prima morreu com dezassete anos na nossa casa e morreu no quartinho que estava na varanda.

- E para dormir, como se organizavam? Muitos na mesma cama. Eu normalmente dormia na cama dos meus avós. Porque eu era muito magrinha, muito fraquinha, toda enfezadinha e eles tinham pena de mim e deixavam-me dormir na cama deles, aos pés. Eu não tinha cama certa, também dormia com as minha irmãs, mas a mais velha dizia que eu tinha umas pernas magrinhas e lhe magoava as canelas.

À frente da cozinha havia o quinteiro, que era para onde escorriam as águas. Por exemplo, as águas de lavar a loiça ou lavar os pés. O lixo que se varresse também ia para ali. A minha

mãe ensinou-nos uma oração para que os espíritos não se metessem com a gente. “Retirai-vos espíritos malvados, que lá vai a água dos meus pés lavados”. Eu dizia isso três vezes e atirava a água para o quinteiro. Também se ia ao rapão para meter no quinteiro; aquilo ficava tudo acamado e quando fosse para semear batatas tirava-se aquilo numa carrela de mão e levava-se para o eirado; servia de estrume.

A confirmar a narrativa das memórias que Júlia guarda da casa onde viveu até casar, atente-se nos relatos publicados na imprensa da época.

O Comércio do Porto reportava que “o ambiente em que Rosa Ramalho vive e trabalha é dos mais humildes e desconfortáveis. O casebre não tem luz, nem uma simples claraboia²”, enquanto o *Jornal de Letras* partilhava as lembranças da visita de Batista Bastos a São Martinho de Galegos: “Entrava-se, depois, num terreiro batido pelo andar de pés nus. Miúdos ranhosos. Galinhas, patos, porcos. A casa era um tugúrio. (...) Primeiro surgiu a Júlia. A neta. Era uma bela rapariga de olhos fundos, espessas sobrancelhas, pestanas viradas de seu natural, seios fartos. Uma bela rapariga que já metia as mãos no barro, que já fazia outros sonhos (os seus) modelando-os segundo a obscura imposição de estranhos apelos. (...) Chegou uma mulher e trouxe flores. Chegou um homem e trouxe um canjirão com vinho (...) - depois é que apareceu Rosa Ramalho. Barroca, um naco de gente embiocado num lenço negro, sorriso largo, olhito vivaz, uma ruga ininterrupta, um pergaminho. Parecia saída de um bojo escuro, coberto por qualquer tampo enferrujado. (...) Uma velha muito bela. Mais bela do que a neta Júlia, se me é permitida fazer esta comparação absurda³.”

² *Comércio do Porto*, 16-04-1965.

³ Descrição de Batista Bastos no *Jornal de Letras* (pág. 11, 08-11-86), referente a uma visita que fez a São Martinho de Galegos, em 1967.

O regresso à escola aos 47 anos

Nascida em 1946, Júlia foi à escola pela primeira vez aos sete anos, muito mais por vontade própria do que por imposição dos pais. É certo que os seus progenitores aceitaram que a rapariga tirasse a terceira classe, mas mais que isso nem pensar, porque afinal não era preciso saber letras para trabalhar no barro.

No tempo em que eu andei na escola não era obrigatório fazer exame. Devia-se fazer a terceira classe, mas se não se fizesse também não havia mal, só era preciso saber ler. E se alguém faltasse à escola ninguém se importava com isso. Eu fiz a terceira classe e saí. Depois voltei à escola passados dois anos para fazer a quarta. Já trabalhava, que eu comecei a trabalhar com dez anos. O meu pai nunca se importou muito, mas a minha mãe gostava que os filhos soubessem ler, porque ela não sabia. Mas claro, não queria que perdêssemos muito tempo na escola..., não é?

Eu, então fiz a terceira, depois fiz a quarta e aos 47 anos fui à escola outra vez fazer o segundo ano (ciclo preparatório, assim se designava na altura). Eu quando fiz a quarta classe queria continuar a estudar e até tinha ajudas. Havia um professor que nessa altura era o diretor do Museu, o dr. Lapa Carneiro, que disse que me ajudava e me arranjava livros; portanto eu não ia dar despesa aos meus pais, mas o que fazia falta era o dinheiro que eu já ganhava em casa.

Júlia frequentou a escola primária de Galegos São Martinho, sita num edifício ao pé da igreja Paroquial. Pequerrucha, tinha receio de passar no caminho junto à *Quinta do Campos* por causa dos cães e de um cavalo que se avistavam do outro lado do muro. Passava, então, aninhada, quase de gatas, não fosse o cavalo lembrar-se erguer a cabeça e vir-lhe “ferrar”.

Na escola, duas vezes por dia: de manhã e de tarde, a pequena ouvia as lições das professoras *Dona Imelda e Dona Elvira* que, vindas de Braga, lhe ensinavam as letras, as contas e a história e geografia de Portugal.

Estudou até “à terceira classe: *terceira classe e as raparigas não vão mais, ficam em casa*”, foi a sentença sem apelo nem recurso saída da boca dos pais. Passou então a dedicar-se, a tempo inteiro, ao trabalho no barro, contribuindo para a economia familiar.

Passados dois anos, numa das missas domingueiras, o padre avisou do altar: “as raparigas que quiserem e estejam dentro da idade, podem ir para a escola. Saiu uma ordem do Governo para fazerem a quarta classe”.

Júlia ouviu o que mais desejava. Porém, nessa altura, já a sua mãe sentia na algibeira o que a rapariga rendia a fazer bonecos. No entanto, a miúda, teimosa, insistiu, desobedeceu, comprou um lápis e um caderno e voltou aos estudos.

Nesse ano, toda a criançada das redondezas foi fazer exame na escola de Galegos São Martinho. Júlia era uma das muitas que lá estavam, e deu-se bem, garantindo o diploma da quarta classe.

Além de ir à escola, a pequena Ramalho aprendia a doutrina da boca da Sra. Ana Ralha, “ti Ana Teca”, Deolinda da Rita, catequistas a quem Júlia até já mandou “rezar missas”. Entre duas Avé Marias e um Pai Nosso, a pequenada entretinha-se com brincadeiras que às vezes davam para o torto. “O Padre Filipe batia-nos, mas o Padre Acácio também. Ele catrapiscava com os olhos, tinha tiques, e eu e outra colega rimo-nos dele e ele deu-nos umas boas canadas”. Nada que a impedisse de fazer a primeira comunhão, festejada com “uma tigela de cevada” fornecida pelo Reitor Filipe Montenegro.

A jovem gostava de andar por volta da igreja. Gostava tanto que, após ter feito a primeira comunhão, passou para o salão das mais velhas e foi duas vezes à Comunhão Solene: uma na sua legítima vez, sem festa, porque não havia dinheiro para isso e outra, no ano seguinte, já com direito a festa.

Entretanto, Júlia faz-se moça, mulher, casa e tem filhos. Mais tarde, como veremos, enviuvaria. Estava com 47 anos, quando o padre faz um alerta sobre o Ensino

Recorrente e a leva de volta aos bancos da escola.

Matriculei-me outra vez para fazer a quinta e a sexta classe. Fiz os estudos na mesma escola onde já tinha feito exame da quarta classe! Nessa altura já ninguém mandava em mim. Não tinha homem, os filhos já estavam grandes e fui pra escola. E que bem que me soube! As pessoas estranharam. Diz-me assim um vizinho: p`ra onde vais? Vou p`ra escola. Fazer o quê? Aprender para ter a sexta classe! Diz ele: se tu tivesses juízo na cabecinha e fosses trabalhar... A mim nunca ninguém me acusou de ser preguiçosa. Porque eu até pedia ao professor para me deixar vir a casa para ver se o forno estava a cozer bem...

O dia a dia na casa dos Ramalho

Nas décadas de cinquenta e sessenta, os dias começavam bem cedo na casa dos Ramalho. A habitação, apesar de ser pequena, humilde e pobre, tinha ocasiões em que chegava a acolher mais de dezena e meia de pessoas. A artesã lembra o modo de vida e a organização que regiam as relações sociais da família e da vizinhança.

A minha mãe acordava muito cedo. O meu pai acordava mais tarde. Tomávamos o (pequeno) almoço. Eu acho que nós éramos os únicos daquela altura que tomávamos cevada e leite. Os outros só no Natal e na Páscoa é que tomavam cevada e leite. A sopa para comer logo de manhã, só se nós quiséssemos.

Em Oliveira, bebia leite da cabrita. A minha tia nem o fervia nem nada. Ele vinha quentinho, botava-se-lhe pão esmigalhado e açúcar, e a gente comia.

Na casa dos meus pais comprávamos leite de vaca. Comprei em muitos lados. Até cheguei a ir à casa do Sá Carneiro, em Manhente, buscar leite.

O almoço da família “era o normal: arroz de feijões; arroz de netos; arroz de bacalhau; batatas cozidas, enfim, era comida de pobre”, recorda.

À ceia normalmente era caldo. Se viessem, fritava-se sardinhas e comia-se caldo. Pão, acho que sempre houve na nossa casa. O meu avô era moleiro, havia pão! Mas noutras casas não havia. Lembra-me da tia Laurinda Aleixa me pedir - nós matamos um porco - e ela disse-me: Olha, rouba um bocadinho de pingue à tua mãe que é para eu fazer um caldinho... Não fui capaz de roubar, pedi à minha mãe e ela deu-mo para lhe dar a ela. O unto também servia para fazer caldo.

Na oficina oleira contígua à casa de habitação da família, fazia-se de tudo um pouco

um pouco. A avó Rosa só trabalhava em “figurado sortido com assobio e tudo, um “figurado muito bonito, todo feito à mão”, porque a velha artesã não tinha formas. “Ela só teve uma forma, uma forma de uma *carrocinha*, que foi o *Ti João Manquinho* quem lha deu”.

O *Ti João Manquinho* era um homem de Galegos São Martinho a quem faltava força e firmeza nas pernas. Sempre sentado “num banquinho”, quando queria mover-se punha as mãos nos lados e dava “saltinhos”. Mas o *Manquinho*, “mesmo assim aleijadinho, vidrava muito bem louça”, enquanto o irmão dele, o *Ti Secundino*, se encarregava de enfiar as peças. Ora, foi este *João Manquinho* quem começou por vidrar a louça da avó Rosa, já que a barrista tinha na ideia de que o forno da sua oficina não aquecia o suficiente para a fazer aquela tarefa. Estava enganada, a velha barrista. Bastou “pôr-lhe telhas por cima para agasalhar o calor, e o forno deu logo para vidrar”.

Voltemos ao trabalho quotidiano na olaria da casa do lugar da Cova. Era lá que, ao lado das bancas de trabalho da barrista Rosa, funcionava também a pequena *fábrica* do pai de Júlia.

Nós trabalhávamos num coberto. Conseguíamos ter lá duas ou três rodas de oleiro. Foi lá que o tio João da Branca aprendeu a trabalhar à roda: aprendeu na nossa casa e nas nossas rodas!

No negócio, cada um trabalhava por sua conta: a minha avó trabalhava para ela, o meu pai (e os empregados) trabalhava para ele próprio.

O meu avô trabalhava na varanda. Esse fazia pouquinho. E depois quando tivesse uma cestinha de cachaças, pombinhas de balão ou coisas assim, entregava à minha avó para ela vender no Porto ou na feira em Barcelos.

O meu pai era um bom modelador; era um artista. Fazia muitas peças de presépio. Eu às vezes também o ajudava. Tinha aí uns cinco empregados. Lá está: nós éramos pobres, mas tínhamos

empregados. Os Carregosa, todos aprenderam a trabalhar na nossa casa.

Sabe quanto tempo andava uma rapariga ou um rapaz a aprender a trabalhar no barro? Pelo menos três anos, sem ganhar nada. A minha mãe teve pena de uma delas, a Teresa do padeiro, que também aprendeu na nossa casa. Como não ganhava nada, um dia a minha mãe deu-lhe pano para um avental. Mas olhe que nós também não tínhamos dinheiro. Comprávamos fiado no Pinto, a quem também vendíamos algumas das peças que fazíamos. Desta forma, a minha mãe tinha acesso a comprar um retalhito que depois dava às empregadas. E à Teresa um pano para um avental.

A minha mãe não fazia obra, dedicava-se a coar o barro. Agora o barro vem muito das barreiras, é de boa qualidade e vai diretamente para o aloque. Mas antigamente era preciso coá-lo. O barro de Manhente era muito bom mas tinha bocadinhos de metal e pedrinhas. Tinha de ser todo o coado. E era a minha mãe que fazia isso. Esmagava-se o barro no aloque, depois botava-se no tanquinho de cima, de onde saía por um caninho que o conduzia à peneira, e daí passava limpinho para o outro tanquinho de baixo. Depois nós púnhamos a água do barro a escorrer por uma borrachinha e o barro assentava no fundo. Assentava porque que nós chupávamos na borrachinha para tirar a água - como se faz para tirar o vinho dos pipos. - e a água escorria toda até o barro ficar no fundo do tanque. Era isso que a minha mãe fazia.

A influência da avó Rosa na neta Júlia

Não há muita precisão na idade com que Júlia se iniciou nas artes de vergar o barro. Sabe-se que foi muito cedo - entre os sete e os dez anos – e sabe-se também que desde que tem memória a rapariga vê-se no meio da azáfama de homens e mulheres moldando pedaços de terra escura da qual saíam as mais diversas figuras.

“Quando abri os olhos já via barro”⁴, declarou, em 1986, numa reportagem efectuada por ocasião das Festas das Cruzes. É, então, nesse ambiente de pequena oficina caseira que Júlia vai crescendo e brincando entre mesas e bancadas: de um lado, o pai e alguns empregados a fazerem louça de molde e à roda; do outro, a avó, a modelar bonecos para vender nas feiras e romarias.

Num ambiente assim, muito natural foi que a criança aguçasse a curiosidade e remexesse no barro mole e macio, que por ali ia encontrando.

Um dia, “quando a minha avó teve a visita de uns estudantes da Escola de Belas Artes do Porto, peguei num bocadinho de barro e fiz uma figura; acho que eu tinha uns dez anos. O António Quadros, que estava nesse grupo, olhou para a peça e perguntou-me quanto queria por ela. Disse-lhe que queria 5 coroas. Deu-me 5 escudos⁵.”

António Quadros foi quem esteve na base da fama da sua avó Rosa: descobriu o trabalho de R.R e foi o responsável pela primeira reportagem publicada sobre a ceramista: “Ele convenceu uma conhecida a escrever um artigo sobre a minha avó e tornou-se um amigo querido. Os primeiros livros que li, de historinhas, foram-me oferecidos por ele. Começou aí a fama da minha avó”.

Isto passava-se em meados dos anos 50. A avó tornar-se-ia uma referência para a escola do Porto, que regularmente organizava excursões a Barcelos⁶, e a menina Júlia, crescendo e trabalhando dava uma boa ajuda para compor o rendimento da casa. “Só quando tinha catorze anos é que os meus bonecos começaram a ser vendidos. A minha avó fazia as feiras todas e tinha clientes certos, pagava-me e eu

⁴ *Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986

⁵ Texto de Jorge Henrique Bastos, publicado no *Expresso* de 21.2.2004, visto em <http://www.santosoficios-artesanato.pt/juliamalho.htm>

⁶ *Ibidem*

fazia⁷”. Entretanto, dá-se um episódio bem demonstrativo do carácter e a personalidade da jovem barrista. Habituada já a fazer do que fosse preciso, “quando comecei a fazer obra, fazia de tudo”, a avó propôs-lhe trabalho mas o “contrato” durou pouco tempo:

Eu comecei a trabalhar com a minha avó. Sempre trabalhámos as duas na mesma mesa. E fui empregada dela mas apenas duas semanas. Trabalhava até sábado e recebia noventa escudos. No primeiro fim de semana, no sábado à noite, ela pagou-me e não disse nada. Na segunda semana, quando ia para me pagar disse que eu fiz pouco, que naquela semana não tinha feito nada e que ia ganhar muito dinheiro... Zanguei-me e recusei-me a receber. Zanguei-me porque ela disse que eu não produzi para os noventa escudos... mas eu andei a fazer recados. Ela mandava-me aqui e ali, à venda, a Barcelos e eu ia fazer recados para ela; claro, assim não fiz produção naquela semana. Mas ela veio atrás de mim com o dinheiro e eu recusei-me a receber esses noventa escudos. Recusei e comecei a trabalhar por minha conta. Mas sempre trabalhamos lado a lado. Até eu casar e sair daquela casa, trabalhei sempre na mesma mesa com a minha avó. Só que cada uma por sua conta ⁸.

Os olhos de Júlia ganham um brilho especial quando remexe na sua caixa de recordações. Um baú de memórias, como aquela quando viu televisão pela primeira vez ou aqueloutra que a faz reviver a saia de *trevira* que a avó lhe deu quando tinha dezoito anos.

A minha avó deu-me uma saia de trevira e deu-me uma blusa de nylon branca, e depois deu-me uma saia às preguinhas azul escuro. Era a que eu usava sempre. De domingo e de festas só

⁷ *O Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986.

⁸ *Em Nome do Barro*, reportagem radiofónica de José Viana, vencedora do prémio Clube dos Jornalistas de Braga, 1995.

*tinha aquela. E era aquela que vestia. Mais tarde tive uma de terylene, daqueles de pregas mas feita à máquina*⁹.

Uma saia de *trevira* e outra de *terylene* às risquinhas que punham os rapazes da aldeia perdidos de amores pela Júlia. Amores breves, fugazes, que, entre tanto afazer, não havia tempo para grandes namoros.

Trabalhava-se do sábado para o domingo toda a noite. Não se trabalhava todos os sábados, mas quando houvesse muito que fazer trabalhávamos mesmo toda a noite. A minha mãe dizia: no domingo tendes tempo de descansar... A gente não descansava nada: domingo missa das sete; chegava-se da missa das sete, arrumar, lavar, varrer o terreiro, levar o lixo à cabeça... Depois, uma de nós (irmãs) fazia o comer (eu era a mais nova era a que fazia menos coisas dessas) e depois íamos ao terço, às duas e meia, três horas. No fim do terço, era o bocado que tínhamos. No verão era uma tarde grande, mas no inverno só era um bocadinho para namorar. E dantes namorar era fugir dos pais. Não se andava a fugir toda a vida, mas havia um respeito muito grande: se o pai ou a mãe passassem ou até os padrinhos, a gente saía da beira do namorado!

⁹ *Ibidem*

Casamento à pressa

“Olhe... Eu não queria estar a falar nisto mas vou-lhe dizer: eu fiquei grávida e casei porque estava grávida. Casamos em 1967. Não fiz festa porque quem fosse grávida já não podia fazer casamento como as outras. Mas fui eu que não quis a festa, porque os meus pais faziam-me um casamento em condições”.

As palavras de Júlia Ramalho saem-lhe em forma de desabafo, após algum retraimento quando conversávamos sobre os seus tempos de namoro.

Antes de Fernando Ferreira, assim se chamava o homem que viria a ser seu marido, Júlia teve o primeiro namorico aí pelos 16 anos, mas a experiência não durou mais do que dois domingos. No terceiro encontro, o Manel deixou a pequena Júlia à espera e não deu sinais de vida - “foi namorar com outra” - e quando voltou teve resposta pronta na cara: “agora não quero namorar para ti”.

Este foi apenas um caso entre mais de meia dúzia, tudo relações muito curtas e sem importância, já que Júlia “levava tudo para a brincadeira”. Certa vez, quando acompanhou a avó numa feira a Lisboa, conheceu um cabo-verdeano, e mais tarde chegou a corresponder-se com três rapazes ao mesmo tempo: “um em Lisboa que escrevia todas as semanas; outro na tropa em Braga, que era de Bastuço e que também me escrevia todas as semanas, e um aqui de Manhente que só me vinha ver quando eu deixasse; se eu ralhasse ele fugia”.

Até que um dia, não tinha a jovem ainda sequer 20 anos, o tal Fernando Ferreira homem seu vizinho, começou a fazer-lhe marcação cerrada e o caso deu em casamento.

A gente quando é nova há sempre uma tendência para olhar para um rapaz ou outro. Mas até acabei por casar com um mais velho. Quando comecei a namorar com ele, eu tinha 18,19 anos. Ele era muito mais velho, tinha mais 11 anos do que eu. Eu já o conhecia há muito, ele era daqui vizinho, e eu via-o muitas vezes. Mas ele fazia a vida dele em Barcelos.

Um dia, eu fui buscar três tostões de cevada e cinco tostões de café para a minha avó e pelo caminho abaixo ele pediu-me namoro. E depois, quando lhe saiu o totobola, quis casar comigo.

O casamento foi marcado para um sábado de manhãzinha. Pelas circunstâncias que já relatamos, Júlia, grávida, optou por descrição total, e por isso “nem missa houve”. E, na volta da igreja, a moça foi direta para casa entregar “louça a um freguês que vinha de Lisboa”.

O casal foi morar para o lugar da Gandarinha, numa casa que o marido Fernando tinha comprado, ainda em solteiro, com o dinheiro arrecadado num dos concursos semanais do Totobola. Apesar disso, a jovem Júlia ainda se deslocava à casa do lugar da Cova para ajudar na lida no barro.

Depois de casar comecei logo a trabalhar aqui em casa. Mas durante mais de um ano ia lá abaixo, aos bocados. Um dia ia ajudar a minha avó; outro dia ajudava a minha mãe. Depois de casada ainda fazia coisas para ajudar a minha mãe. Porque ela deixou de ter a fonte de rendimento que era eu, e viu-se grega, como se costuma dizer. Então eu ia muitas vezes ajudá-la, principalmente a fazer umas peças em forma, porque nós tínhamos uns modelos de uns Reis a cavalo de presépio que ninguém mais tinha, e eu não queria dar aquelas formas fora, porque senão copiavam-nas. Depois acabei por dar esses modelos ao sr. Francisco Bogas.

Durante esse período, um ano, ano e meio, Júlia também aproveitava a ida a casa dos pais para amassar barro ou cozer louça. Mas logo que teve condições, ergueu um forno no coberto contíguo à casa onde habitava e passou a fazer tudo na sua oficina: “para trabalhar no barro, basta um caixote virado ao contrário é já temos uma oficina!”.

Os clientes iam chegando de várias partes, muitos de Espanha, uns indicados por pessoas que já conheciam o trabalho da artista, outros atraídos pelo nome Ramalho.

Entretanto, continuavam a chegar os filhos. Quase seguidos, nasceram o José, o António, a Rosa (que morreria de acidente aos 13 anos), a Teresa e a Graça, o que obrigava a trabalhos dobrados: Júlia desdobrava-se entre as lides do barro e as canseiras domésticas.

Fernando Ferreira, o marido, trabalhava com a mãe (sogra de Júlia), que era feirante. Nas horas livres, também se dedicava ao barro, mas não fez disso profissão: só fazia peças quando lhe apetecia. Júlia lamenta, porque “ele era um bom modelador”.

“A noite não tem cancelas”

Casada em 1967, logo em 1980 enviuvava; o marido morreu vítima de doença prolongada do foro oncológico. No espaço de 12 anos, Júlia passou de uma jovem mãe, airosa e desempoeirada, a matriarca da família assumindo a responsabilidade e criar, meter na escola e pôr comida na mesa aos filhos. Eram trabalhos e esforços redobrados, que muitas vezes iam pela noite fora. Uma ocasião, Júlia deitou-se ao pé dos filhos para que adormecessem rápido. Quando despertou, nem para o relógio olhou: desceu à oficina e atirou-se ao barro. Ligado o rádio, daí a pouco eram anunciadas as 23 horas. A barrista já não voltou à cama. Ficou toda a noite a fazer bonecos. E foi muitas vezes assim; havia que dar feito às encomendas.

Após ter ficado viúva, a barrista deixou de ficar à espera dos clientes, muitos deles revendedores para quem trabalhava por encomenda. Começou, então, a frequentar as mostras e feiras de artesanato, respondendo positivamente às solicitações das entidades que organizavam esses certames, um pouco por todo o país.

Fiquei viúva e fiz a primeira feira em 1980, nas Caldas da Rainha. Fui convidada pelo próprio presidente Lalande Ribeiro. Até aí, eu vendia em casa e para uma loja de Barcelos, a loja Galos, Coqs, em Francês, era a loja da Letinha, ao pé do Templo do Senhor da Cruz. E também vendia para o Centro de Artesanato.

Um dia, a dona Letinha disse-me: Olhe, eu quero muito que me forneça porque vendemos muitas peças suas. Mas primeiro está o Centro de Artesanato. Porque lá são portas largas! E aqui eu não sou portas largas; de repente eu fecho e depois você não tem a quem vender.

Mas, “Graças a Deus”, Júlia teve sempre que fazer. A meados da década de noventa, a barrista conseguia vender obra todas as semanas e assim fazer face às despesas

domésticas, inclusive, pagar os custos da licenciatura da filha mais nova, que nessa altura frequentava a Universidade do Minho.

Tenho muito trabalho, porque além das lojas começarem a vender mais e aparecerem mais clientes aqui em casa, também tenho feiras e as feiras de artesanato são quase todas feitas na época de verão. A partir de janeiro é que fico com um bocado mais de tempo e já dá para visitar pessoas amigas. Mas eu vou tendo sempre trabalho. Junto dinheiro dos melhores meses para os outros meses em que tenho despesas e ganho pouco¹⁰.

¹⁰ *Ibidem*

Acidente rouba-lhe filha de 13 anos

Menos de dois anos após ter ficado viúva, Júlia Ramalho conhece Fernando Esteves com quem casa em 1982, refazendo a sua vida sentimental. Naquela época, muitas das mulheres viúvas ficavam assim para toda a vida. Assumiam a sina e fechavam-se para o mundo no casulo da mentalidade vigente. Presume-se, por isso, que a decisão de Júlia se casar, ainda mais passados apenas dois anos da perda do marido, tenha causado falatório na aldeia. Nada que a barrista não enfrentasse de cabeça erguida. Fernando Esteves, o seu novo marido, não tinha qualquer ligação ao barro, muito menos à região de Barcelos: vivia em Lisboa e a barrista conheceu-o numa das vezes que foi vender à Feira Popular. Deste casamento nasceu Eurico, o filho mais novo de Júlia. A ligação do casal durou menos de uma década, mas a artesã tem gratas recordações do seu companheiro, a quem não regateia elogios: “Foi um marido meu amigo, amigo dos meus filhos, e eles têm-no como se fosse pai deles.”

Júlia e Fernando Esteves divorciaram-se em 1990. “Olhe: fiz dois casamentos e nenhum chegou às bodas de prata. Veja lá que pouca sorte a minha”.

Antes desta separação, já um infortúnio maior, carregado de luto e sofrimento, tinha atingido a barrista de Galegos São Martinho. Um ano e meio depois de se ter casado pela segunda vez, tudo parecia correr pelo melhor. Estava-se em pleno Outono de 1983, e a 12 de Novembro, Júlia via-se envolvida num aparatoso e fatídico acidente rodoviário, do qual resultaram três vítimas mortais, uma delas a sua filha Rosa, de apenas treze anos.

Uns dias depois, estava a barrista no Hospital de S. João, quando lhe levaram a notícia de que tinha sido galardeada com o “Prémio Artesã do Ano”, no III Salão Nacional de Artesanato, no Casino do Estoril. “Foi o dr. Fernando Reis que trouxe junto do meu leito *O Comércio do Porto*, com a minha fotografia. Foi um lenitivo para quem acabara de perder uma filha. Deu-me muito ânimo para continuar”¹¹.

Sobre o desastre pode ler-se num periódico barcelense: “O veículo em que Júlia

¹¹ *Comércio do Porto*, pág. 10, 20-11-84.

Ramalho se fazia transportar com os seus três filhos e sua prima Maria Mota (a condutora) e duas filhas desta, dirigia-se no sentido Braga-Barcelos (Em Galegos São Martinho) e virou inadvertidamente para a faixa contrária, sendo colhido em cheio por um outro veículo que vinha em boa velocidade e que circulava no mesmo sentido. Do acidente resultou, como já dissemos, a morte instantânea de sua filha mais velha, da filha da condutora e desta última que veio a falecer mais tarde no Hospital de S. João no Porto”¹².

Quanto a Júlia, primeiramente foi assistida no Hospital de Barcelos, onde terá estado dois dias, mas após ter piorado também foi transferida para o S. João, na cidade do Porto.

No acidente fiquei com a pleura perfurada por uma costela. Queixava-me que tinha falta de ar, que nem sequer podia falar mas uma enfermeira que estava ao serviço dizia: isso é mimo, isso é mimo. Mas quando a situação se agravou, levaram-me para o Porto. Quando o Sr. Manuel, dos Bombeiros, abria a janela da ambulância eu sentia aquele ar fresco na cara e sentia que vivia mais um bocado.

Do acidente, além das dolorosas perdas dos seus familiares, Júlia ficou com sequelas físicas, ainda hoje bem visíveis na sua mão esquerda. A recuperação da barrista demoraria cerca de 5 meses, tendo regressado ao trabalho no mês de Abril de 1984 quando o tempo quente começou “a esconder os problemas desse braço adoentado¹³.”

¹² *Barcelos Popular*, pág. 6, 08-12-83.

¹³ *idem*, pág. 5, 18-01-90.

Das feiras dos pobres à dos ricos: “guarda-se do riso para a chora”

Embora na primeira saída à Feira das Caldas da Rainha, Júlia tivesse a viagem e o transporte das peças pagos pela autarquia promotora do certame, a artesã percebeu que se queria continuar nessa vida tinha de se tornar mais autónoma e independente. Vai daí, toma a decisão de tirar carta de condução e compra um automóvel: um Renault 5, adquirido com as parcas poupanças que amealhou ao longo de uma década. “Fui sempre uma pessoa poupada. Poupadinha e atinadinha. Aqui há um ditado que diz: “guarda-se do riso para a chora”. Eu guardava sempre uns tostões para as necessidades”.

O Renault 5 - um CZ 90-57 -, custou-lhe trezentos e trinta e tal contos, pagos a pronto e na hora. “Que é que eu lhe disse: *eu guardo do riso prá chora!*”.

A opção pela compra do modelo Renault 5 tem por detrás um pormenor delicioso. O Renault 4 até era mais barato mas a jovem condutora tinha medo de não o saber guiar “porque as mudanças eram de alavanca ao pé do volante e o Renault 5 tinha a maçaneta em baixo, como no carro”, onde ela tinha aprendido a conduzir.

Júlia foi das primeiras mulheres da aldeia a ter carro por aquelas paragens. Coisa rara para aquele tempo ver uma mulher ao volante: tão rara, que o pessoal quando ela saía com o automóvel ia ter conta “para ver se ia ter com algum namorado”!

O arranque da década de oitenta marca uma nova etapa na vida pessoal e profissional da barrista. Até aí, Júlia Ramalho só tinha saído de Galegos S. Martinho quando ainda jovem acompanhava a avó nas festas e romarias, como a do Senhor de Matosinhos e a do S. João das Fontainhas. A barrista chama-lhes as “feiras dos pobres”, em contraponto com as Mostras de Artesanato, em que passou a participar muitos anos mais tarde.

Dos tempos mais remotos, Júlia guarda boas recordações e belas histórias. Como a daquela vez em que, em plena rua, a avó, desafiada pelos estudantes de Belas Artes, decide cozer louça, em plena rua na Festa das Fontainhas.

Eram as feiras dos pobres. Tínhamos de armar a barraca,

dormir na barraca, comer na barraca. Discutíamos todo o tempo até fazer a barraca. Ela (a avó) dizia que eu não pregava nada bem. Eu dizia que ela é que não pregava bem... E antes de fazer a barraca ainda tínhamos de ir roubar os paus ao monte. A gente fazia a barraca com latos, varas de pinheiro porque o eucalipto era muito duro para o prego entrar. E cozinávamos na barraca. E uma das vezes a minha avó até cozeu uma fornada de louça na barraca.

Aqueles estudantes de Belas-Artes do tempo do José Rodrigues, do tempo do Alexandre Alves Costa, e assim, iam ter com a minha avó às Fontainhas. E então lá resolveram aquilo. Eu fui buscar o barro à cabeça à casa de um estudante que era o Luciano, e a minha avó fez meia dúzia de peças de figurado. Depois fui às Belas-Artes buscar tijolo e madeira para cozer, e fez-se a fornada ali na barraca. Cozemos lá mesmo, na barraca, uma barraca de pano, tudo cheio de palha e lenha. Se fosse hoje ia tudo preso!

Ainda há dias recordei isso com o Manuel Macedo, e muito nos rimos!

Depois de em menina e moça ter feito as “feiras dos pobres”, Júlia, mãe e viúva, fez-se às feiras dos ricos. “Logo da primeira vez nas Caldas da Rainha tive direito a lugar de graça e dormida. Já não dormíamos numa barraca, já tínhamos um quarto de hotel, ou se não fosse de hotel, tinha pelo menos boas condições”.

A feira das Caldas da Rainha correu “muito bem”. E a essa seguiram-se dezenas de outras, das quais tirava o ganho para criar os filhos. “Um dia disse-lhes: para vocês fazerem um curso num sítio caríssimo não tenho, mas até ao décimo segundo ano faço os sacrifícios que for preciso. Depois vocês comecem a desenrascar-se. Mas só a Teresa é que quis seguir, acabando por se licenciar em Inglês e Alemão pela Universidade do Minho”.

E assim seguia a vida da barrista. Dividida entre feiras e o trabalho em casa. Ora por encomenda, ora para o monte, à espera que viesse alguém comprar. Quando lhe encomendavam obra, a artesã ficava mais descansada; assim sabia de antemão que “o dinheirinho era certo”.

“Foi com o barro que eu nasci, é com o barro que hei-de morrer¹⁴”

A relação de Júlia Ramalho com a avó é tema obrigatório quando se fala com a descendente da consagrada barrista de Barcelos. Nascida e criada junto da velha Rosa, a neta valoriza as suas raízes e a relação que manteve com a matriarca da família. “A minha avó foi sempre a minha grande companheira. Com ela aprendi tudo. A trabalhar com o barro e a ser, sobretudo, mulher¹⁵.”

Em termos artísticos, a escola da família é a escola da região oleira de Barcelos. “A técnica de trabalhar o barro, o engenho da modelação, os segredos do ofício, os costumes, tudo isso tem passado de pais para filhos, ao longo de muitas gerações. Dir-se-ia que esta preocupação está na massa do sangue dos barristas¹⁶”.

Assim sucedeu com Júlia. Todavia, embora reivindique a memória e a herança da avó, a artesã não esconde a ambição e ergue a voz para reclamar a singularidade da sua obra. Aliás, a afirmação dessa independência começou bem cedo. “Não escreva isto – confidenciou-nos – porque podem chamar-me vaidosa. Mas gosto muito mais das minhas peças do que as que os outros fazem”¹⁷, exclamava em 1984.

Mais tarde, volta a insurgir-se contra a sub-valorização do trabalho dos barristas. Assume-se como uma artista e revolta-se quando não a tratam como tal: “Porque é que nós artesãos, não somos artistas como os que pintam ou que esculpem? (...) Faço o que a minha avó fazia, mas criei as minhas peças que são muito diferentes¹⁸.”

Provavelmente, a preocupação de Júlia em relação à colagem à sua avó nem sequer tem razão de ser. A sua obra vale por si, sendo reconhecida por estudiosos e especialistas, e muito requisitada por colecionadores. De igual modo, são inúmeras as instituições públicas e privadas a promoverem exposições das sua peças. Testemunha do percurso artístico de Júlia, Claudia Milhazes, diretora do Museu de Olaria, afirma que o trabalho da barrista barcelense tem “qualidade e criatividade muito fortes”, e

¹⁴ *O Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986

¹⁵ *O Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986

¹⁶ José Viana, *Representações das olarias de Barcelos na imprensa local: meio século em análise (1950:2000)*, Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, U.M., 2011.

¹⁷ *O Comércio do Porto*, 20-11-1984, pág. 10.

¹⁸ *Publico Magazine*, 26-08-1990, pág. 49.

sublinha que na comparação avó/neta, “não podemos esquecer que os contextos e épocas são diferentes. Júlia tem conhecimentos e um nível cultural que a avó não tinha, e isso, de certa forma, acaba por influenciar o trabalho dela¹⁹”.

A inspiração para o diversificado trabalho de Júlia vem-lhe da observação da natureza e das coisas do mundo que a rodeiam. A herança está lá toda e a artista não a nega: “Eu tive a escola da minha avó”. Mas a artesã ganhou vida e ganhou mundo: rodeia-se de amigos, sai, gosta de aprender, visita museus, exposições, monumentos. E não esconde que o convívio com outras pessoas, e o que vê e lê acaba por se refletir na sua obra.

A artista gosta de todas as peças que produz²⁰, mas admite “uma atração especial por apontamentos quotidianos e religiosos”²¹ e adora fazer signos, pecados capitais, virtudes e medusas.

Em termos técnicos, as peças produzidas por Júlia Ramalho têm quase sempre um acabamento vidrado de cor castanho/mel, que longe de ser exclusivo, é, todavia, muito característico do seu trabalho. Da sua vasta obra, fazem parte peças tão diversas como diabos, cabras, anjos, vacas com muitos cornos, cristos, pecados, virtudes, profissões, cenas da vida rural, figuras religiosas, e a sua peça de eleição: a medusa de mil cabelos. Em todas estas peças, a barrista barcelense alia a mestria da modelação cerâmica à criatividade temática, conjugando “o religioso e o profano” que nos transporta para “um imaginário quase libertador²².” Vejamos como a artista interioriza o seu processo criativo.

Às vezes, tenho um bocado de barro na frente, olho para ele e a inspiração nasce naquela hora. Mas normalmente é quando estou sozinha, à noite, na cama, e quando acordo penso: vou fazer aquela peça assim...

Uma vez tive um convite para participar numa exposição de presépios no Casino Estoril, através da Câmara, só que não me

¹⁹ Claudia Milhazes, diretora do Museu de Olaria, em entrevista ao semanário *Barcelos Popular*, <http://www.barcelos-popular.pt/?zona=ntc&tema=8&id=620>

²⁰ *O Comércio do Porto*, pág. 10, 20-11-1984

²¹ *O Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986

²² Catálogo da Exposição *Júlia Ramalho o Sagrado e o Profano*, Castelo de Paiva, 2015

disseram nada. E a faltar poucos dias, telefonaram lá de Lisboa, a perguntar se eu sempre ia participar, dizendo: é uma exposição de presépios, vai estar o Zé Franco, a Ernestina Batalha e aí eu fiquei assustada. E pensei assim: ou mando uma coisa diferente, uma coisa boa, ou não vale a pena participar, porque com o Zé Franco ninguém queria competir. Então, um dia estava na cama e pensei: o que é que eu vou fazer? Eu fiz dois presépios normais. Um presépio de figurinhas separadas mas tinha reis e tudo. E fiz outro com um boi e uma mula a puxar a um carro de bois com jugo, e o presépio em cima do carro. Durante a exposição, o Comércio do Porto dedicou uma página inteira ao meu presépio. Fiquei toda contente, eu naquela altura nem comprava o jornal, foi um rapaz aqui de uma fábrica, que comprava o jornal, que me veio dizer²³.

²³ *Em Nome do Barro*, reportagem radiofónica de José Viana, vencedora do prémio Clube dos Jornalistas de Braga, 1995

Superstições e “estórias” de diabos, feiticeiras e corredores

Júlia, que em menina ouvia, à lareira, no colo do avô, histórias de “corredores e endemoninhados”, é uma pessoa muito supersticiosa. Em tempos, a barrista fez peças polémicas e “coincidência ou não, nessas alturas acontecia-me sempre alguma coisa²⁴”. Vai daí, renunciou à produção de cristos com cornos e de padres com órgãos sexuais expostos, afastando para mais longe os azares da vida:

Acho que é pecado vender o padre Inácio. Cada vez que o faço, acontece-me um azar na vida. Uma vez, uma mulher mulher meia tola disse-me que Deus me ia castigar por ter feito o padre Inácio com os tomates... E assim foi. Tive mais uma desgraça. Fazer o padre Inácio com os tomates é pecado²⁵.

A artesã crê que os poderes demoníacos das peças maléficas são capazes de correr mundo, fazendo vítimas em cascata. Um dia, numa feira de artesanato, uns catalães ofereceram-lhe uma peça representativa do diabo: “Recorda a história de uma feira de artesanato quando uns catalães lhe ofereceram um diabo. Júlia achava que tinha um olhar estranho e deu-o a um amigo. A partir daí, tudo corria mal ao amigo, que não querendo deitar a peça fora, ofereceu-o a outra amiga, ignorando o conselho de Júlia de se desfazer daquele pobre diabo e deitá-lo ao rio Douro. Um dia a artesã recebeu um telefonema de uma senhora de Lisboa, que, com a vida em ‘pantanas’, lhe perguntava o que fazer ao mal fadado demónio. Finalmente, foi destruído, não fosse assombrar a vida de mais alguém²⁶.”

A superstição é transversal a todos os povos e culturas. Funciona como uma estratégia de proteção contra a inveja e as adversidades da vida ou como caminho facilitador para que os nossos se realizem. Ora, Júlia, bem cedo começou a ouvir falar de *demónios, feiticeiras e corredores*. Como é fantasticamente delicioso ouvir este naco de conversa, no qual a barrista recorda os tempos em que, criança mimada,

²⁴ <http://www.barcelos-popular.pt/?zona=ntc&tema=8&id=620>, 15.06.2007.

²⁵ *Publico Magazine*, 26-08-1990, pág. 49

²⁶ Catarina Abreu in <http://carlosribeiro-photos.blogspot.pt/2012/06/julia-cota-artesa-ha-tantas-coisas-que.html>

ficava à lareira aninhada nos joelhos do avô, ouvindo da sua voz rouca as histórias do diabo, envoltas em nuvenzinhas de fumo dos cigarros Kentucky.

O meu avô contava muitos contos, coisas que ele dizia que eram verdadeiras mas eu nunca vi. Dos corredores, sabe o que é um corredor? Não é dos de bicicleta. Não sabe o que é um corredor(ri-se) ? É uma pessoa que nasce com um fado e tem de correr sete freguesias, sete montes e sete fontes. O meu avô contava essas histórias de feiticeiras, dos endemoninhados e dos corredores, quando estávamos ao lume. A gente tinha uma luz de petróleo ou de azeite. Normalmente, a minha mãe fiava. A minha avó nunca ia para o lume, fazia serão, andava sempre de um lado para o outro... e o meu avô, sentava-se ao lume, tinha um capote eu metia-me debaixo do capote e ele contava essas histórias. A gente ficava ali a ouvir, parece que estava a viver aquilo.

E também jogávamos ao “par ou pernao” e ao “Mentes Velhaco”²⁷.

A superstição de Júlia Ramalho mistura-se com a sua fé religiosa. E convivem bem. Tão bem como convive o profano e o religioso do seu figurado. De resto, a barrista tem uma afirmação na ponta da língua que dispara a quem a questiona sobre a sua fé: “Eu sou católica, apostólica, romana, praticante, e pago ao senhor abade. E ainda agora sempre que posso vou à missa todos os domingos. Mas às vezes zango-me contra os santos, porque não fazem o que eu quero, carago”.

²⁷ *Em Nome do Barro*, reportagem radiofónica de José Viana, vencedora do prémio Clube dos Jornalistas de Braga, 1995

O reconhecimento público da obra da Júlia

O percurso artístico de Júlia Ramalho leva já 60 anos de carreira. Um caminho com reconhecimento público e publicado. Batista Bastos, o conhecido e prestigiado jornalista, repórter e escritor é um dos mais entusiastas da obra da artista.

“(…) Ficaram-me para sempre as frases, os olhos e as mãos de Júlia. Havia nela, em tudo quanto era ela, alguma coisa visceral, de medular, de diferente e, até, de beligerante. Os seus barros nada tinham a ver com os barros feitos pela avó ou pelos outros. Eram criações pessoais e singulares, tais como sonhos, reais ou imaginados, que a povoavam. Sonhos materializados pelas suas mãos jovens, mãos demiúrgas, uma espécie de génese, a construção de um universo outro, afastado de tudo, de todos os outros universos individuais.

As mãos de Júlia eram as mãos de uma fundadora assombrosamente diferente: narravam histórias no barro vermelho daquelas terras imperiosas; misturavam o onírico com a parte da realidade entendida por ela própria; modelavam seres imponderáveis, imprevisíveis, paradoxais e surpreendentes.

As mãos de Júlia transformavam o barro em criaturas palpitantes de vida.

As mãos de Júlia já nessa altura faziam poesia em movimento”²⁸.

Em 1956, aos 10 anos de idade, vende a sua primeira peça, por 5 escudos, ao Pintor António Quadros, uma personalidade que muito valorizou o figurado Barcelense. Em 1968, em entrevista à RTP, a sua avó, Rosa Ramalho, refere que a neta “Faz tão bem como eu”, numa clara alusão aos dotes criativos da Júlia Ramalho. Estas palavras foram naturalmente alavanca para uma carreira artística como a que artesã tem tido ao longo de mais de meio século.

Em finais de 1983, chegava a primeira consagração nacional. Júlia era considerada a Artesã do ano, no III Salão Nacional de Artesanato, realizado no Casino do Estoril.

²⁸ Texto de Batista Bastos, oferecido à barrista e que a mesma ostenta, em grande formato, na parede da sala, onde guarda parte da sua obra.

Juntamente com a barrista, outro grande nome do figurado barcelense, Domingos Lima, “Mistério”, arrecadava o prémio de melhor trabalho exposto no certame, com uma peça representativa de uma procissão religiosa minhota.

Antes, em 1977, já a barrista, a convite do Centro de Turismo de Portugal, tinha integrado a comitiva municipal barcelense à “Semana de Portugal em Madrid”. O jornal *O Barcelense* dava conta de que a exposição de cerâmica de Barcelos fora um êxito, muito bem representada “pelos reputados artistas cerâmicos Mistério e Júlia Ramalho”²⁹.

Em 1985 é distinguida com o prémio criatividade no Casino do Estoril. Nesse mesmo ano participa na Europália na capital belga.

Em 1987, expôs na cidade do Porto. Uma década depois, em 1997, a artesã mereceu a honra de abrir o ciclo de exposições “Um barrista de cada vez”, promovido pelo Município de Barcelos. A obra de Júlia esteve patente durante dois meses no Museu de Olaria de Barcelos, equipamento cultural inaugurado dois anos. Anteriormente, Júlia só tinha exposto uma única vez na sua terra natal, uns dez anos antes, convidada por Celso Cunha que dirigia à época a Galeria Pop Cave. Em 1997, participa numa Mostra de Artesanato, em Itália.

Recordando a sua primeira grande exposição no Museu de Olaria, a barrista diz que ficou muito feliz por sentir que as suas peças assim é que estavam “bem” e “lindas, até devem estar todas contentes. Então não estão?! Já viu o que é a Medusa com uma mesa só para ela?”³⁰...

No início dos anos noventa, envolve-se com mais uma boa dúzia de outros camaradas de ofício com a intenção de criar a Associação de Artesãos do Norte. Os objetivos, entre outros, seriam “defender os interesses gerais dos artesãos no aspeto legal, comercial e social” e “promover e divulgar o artesanato português nas suas componentes cultural, económica e social”. O projeto ficou pelo caminho e dois anos mais tarde, Júlia aparece ligada à criação da Associação de Artesãos de Barcelos, cuja escritura de constituição foi efetuada em Janeiro de 1993. Os objetivos continuavam os mesmos: “representar e defender os interesses dos artesãos” e “criar condições

²⁹ *O Barcelense*, 23-04-1977

³⁰ *Barcelos Popular*, 10-07-1997.

para uma melhor comercialização do artesanato”.

No ano de 2003, é escolhida pela estação de Televisão NHK para retratar a vida quotidiana da mulher europeia, tendo a sua vida artística sido o argumento principal do programa “*European Lives*”, para uma audiência de milhões de pessoas. A barrista ao longo da sua vida tem sido alvo de inúmeras reportagens, quer subordinadas, em exclusivo, à sua vida artística, bem como ao facto de ser neta da grande barrista Rosa Ramalho, ou então com cabeça de cartaz de inúmeros eventos culturais e artísticos realizados em pouco por todo o país. A este propósito destaca-se o documentário sobre o Figurado de Barcelos realizado pela Jornalista da TVI, Raquel Matos Cruz sob a designação “GALOS, SANTOS, BONECOS E BESTAS” em 2015.

Em 2006, o Rotary Club de Barcelos, juntamente com o Município, organiza a exposição “Júlia Ramalho, 50 anos de Barro” e editam um catálogo com as 50 peças mais emblemáticas da barrista, numa ação rememorativa da sua vida e obra.

Em 2012, Júlia Ramalho, já com 66 anos de idade, seria finalmente consagrada na sua terra. A barrista foi distinguida com o *Prémio Carreira*, atribuído pelo município barcelense, no decorrer da 2ª Gala da 30ª edição da Mostra de Artesanato e Cerâmica e Barcelos. Além de Júlia, foram também distinguidos António Coelho com o Prémio Inovação, e João Alonso considerado o barrista Revelação.

Continua a fazer feira um pouco por todo o país, embora sem o fulgor do passado, em que corria as grandes feiras de artesanato, e era uma das estrelas maiores dos certames “Tinha convites de todo o lado, nem sabia o que fazer para não ficar mal com ninguém”. Este ano regressou à Feira Internacional de Artesanato de Lisboa, com o filho António Ramalho, mas afirma, “não devo regressar cá”. Foi uma das estrelas deste certame e um dos stands mais procurados da Feira na medida que não estava na mesma à muitos anos.

A Câmara Municipal já adquiriu as ruínas da casa onde viveu a família Ramalho. A Júlia, resta-lhe aguardar que o projeto seja concretizado. “Deus queira”, suspira a artesã protagonista desta história de vida. E enquanto a barrista espera pela Casa-

Museu Rosa Ramalho, a história repete-se: a seu lado, na mesma banca de trabalho, os filhos António e Teresa modelam o barro, dando continuidade ao ofício que leva o nome Ramalho aos confins do mundo.

Em crianças, todos os filhos mexeram no barro mas só o António e a Teresa seguiram o ofício. O António, depois de experimentar outros afazeres, - *ui, já fiz muita coisa* – dedica-se agora a tempo inteiro ao Figurado, e a filha Teresa modela peças nas horas livres, atividade que reparte com o ensino do Inglês, na Escola Rosa Ramalho, em Barcelinhos. De resto, no momento em que se ultimava esta história de vida (Abril de 2016), eram inauguradas no Museu de Olaria, em Barcelos, duas exposições sobre a arte do Figurado na família. Trata-se da exposição *Geração Ramalho* – que apresenta peças da avó Rosa, da neta Júlia e dos bisnetos António e Teresa; e da mostra *Júlia Ramalho 60/70*, que, como o nome sugere, homenageia os 60 anos que leva de trabalho no barro e os seus 70 anos de vida.

Num dos catálogos³¹ que acompanham a iniciativa, o escritor Valter Hugo Mãe escreve: “Tudo na arte Ramalho é desafiante, desde a robustez das peças em detrimento da folia pela delicadeza, ao acolhimento do grotesco ou à quase absoluta monocromia, o que está aqui em causa é uma busca da inteligência da própria terra. As obras são orgulhosamente memória da terra. Terra atirada ao alto, moldada para se erguer, vertical e esplendorosa. De certo modo, nestas obras vemos sempre um radical do chão, como se fossem ouro feito com o mais comum dos materiais, ou como se fossem modos de a terra se ensimesmar. (...)”

Todos os assuntos de Júlia Ramalho começam pelo coração, porque não perde tempo com o que abdica dos afetos. Acredito até que molda com o barro como quem procura amores escondidos no disforme da matéria. A sua obra é sempre uma emanção efetiva, uma celebração da vocação para gostar. Algumas pessoas existem entre nós como se nos abençoassem. Assim é Júlia Ramalho, deitando também a terra ao fogo para abençoar”, remata o escritor.

Presente na inauguração, a barrista, rodeada de amigos e admiradores da sua obra, mostrava-se satisfeita por expôr num equipamento de grande dimensão cultural,

³¹ *Júlia Ramalho 60/70*, catálogo da exposição (Abril 2016)

exclusivamente dedicado à olaria e cerâmica.

Antes, num auto-retrato breve, já nos havia dito ser uma “pessoa orientada e honesta”, mulher que através do artesanato conseguiu sobreviver e criar família.

Em jeito de balanço, assegura que voltaria a abraçar o ofício, porque “o barro suja mas é muito bom mexer-lhe. O barro dá-nos liberdade de escolha”.

E é nesta altura da conversa que a memória convoca as palavras de Júlia, em 1986: “foi com o barro que eu nasci, é com o barro que hei-de morrer”³².

Está tudo dito!

³² *O Primeiro de Janeiro*, 03-05-1986

Contributos para a Arte Popular

A Júlia Ramalho é uma das mais antigas e mediática artistas da arte popular portuguesa, detentora de um dos nomes mais notáveis da arte popular nacional. Soube honrar e valorizar o legado da sua avó Rosa Ramalho. Segundo muitos admiradores conseguiu ainda subir um patamar e notabilizar ainda mais a obra artística da família Ramalho. Legado que quer que os filhos continuem e difundam com vigor e simplicidade, pois acredita serem esses os predicados para uma carreira tão longa.

A Júlia é uma mulher simples, inteligente, intuitiva, forte, espontânea, independente, alegre, comunicativa e de riso fácil, mas com um sentido crítico e criativo de grande valor que lhe permite alcançar o posicionamento que atingiu na arte popular em Portugal. A sua criatividade não conhece limites ou barreiras, é inesgotável e cativante. A este propósito, no catálogo “Julia Ramalho, 50 anos de barro”(2006,9), relata-se uma passagem que atesta bem esta realidade: “*Sabe, eu até nem gostava da sua louça, mas agora que conversei consigo, acho-a linda*”, o que mostra da dimensão da artista e da sua capacidade de criação e diálogo.

A capacidade invulgar de entender e perceber o quotidiano e a sociedade, permiti-lhe criar peças enquadráveis, rememorativas e adaptáveis à sociedade de cada um dos tempos em que viveu e vive. Esta capacidade de inovação potencia que, Júlia Ramalho, não seja apenas uma marca ou valor do passado da arte popular nacional e barcelense, mas que seja nas suas mais de 6 décadas de trabalho uma das mais notáveis artistas nacionais neste registo, que soube honrar e ampliar o prestígio do nome “Ramalho”.



República Portuguesa

O Presidente da República
Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere a D. Rosa Ramalho

o grau de Dama
da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

Nos termos do Regulamento da mesma Ordem são-lhe
concedidos as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe
correspondem.

Dado em Lisboa e Paços do Governo da República,
aos 9 de Junho de 1980 .

[Signature] Chanceler da Ordem,



Feira Nacional de

ARTESANATO

40 ANOS
1978-2017

VILA DO CONDE

22 JULHO A
6 AGOSTO



Diploma de Participação

Júlia Ramalho

Barcelos



Vila do Conde
Câmara Municipal



A Presidente da Câmara Municipal
de Vila do Conde



O Presidente da Associação para Defesa de
Artesanato e Património de Vila do Conde



ARTESANATO
E PATRIMÓNIO
VILA DO CONDE

Confraria da Caca

A Confraria da Caca confere à Arteeã Júlia Ramalho a sua presença na 5ª Feira Nacional das Santas Populares-2017, realizada no dia 17 de Junho de 2017, em Rebordões - Santa Tereza.



A Confraria

João Nilton
Alto Azeite
João L. Pais

XXIII FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO E TASQUINHAS DE POMBAL



O Município de Pombal certifica que

participou na XXIII Feira de Artesanato de Pombal, que decorreu
nesta cidade de 23 a 25 de setembro de 2016

Pombal, 25 de setembro de 2016

O Presidente da Câmara Municipal

(Diogo Mateus)

CERTIFICADO

23 a 25 set'2016 | POMBAL
expocentro

34.^a
MOSTRA
de Artesanato
e CERÂMICA
29 jul a 25 ago 2016
Parque da Cidade
Barcelos

De quantos ofícios há no Mundo, o mais belo e o mais lógico é o de criar arte.
(...) O artista tem a condenação e o dom de nunca poder automatizar a mão (...)

Miguel Gomes



Certificado

Certifica-se que

Júlia Romalho

participou na 34.ª Mostra de Artesanato e Cerâmica de
Barcelos, promovida pelo Município de Barcelos, entre 29 de
julho e 15 de Agosto de 2016, no Parque da Cidade.

Barcelos, 15 de Agosto de 2016

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos,
Miguel Costa Gomes



Confraria da Caca

A Confraria da Caca convida a Antea Julia Ramalho a sua presença na 9ª Feira Nacional de Presépio-2015, realizada nos dias 27, 28 e 29 de Novembro de 2015, na cidade de Santa Tria.



A Confraria

Antea
T. Jorge
Antea Ramalho
Antea Ramalho



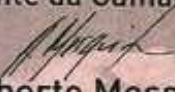
CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

Certifica-se que

Júlia Ramalho

participou no 34.º Salão de Artesanato
integrado na Feira Anual,
decorrido de 4 a 12 de outubro de 2014,
em Vila Franca de Xira.

O Presidente da Câmara Municipal


Alberto Mesquita

XXXIV SALÃO DE ARTESANATO

CERTIFICADO



Certificado

Certifica-se que

Júlia Ramalho

participou na 32.ª Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos, promovida pelo Município de Barcelos, entre 1 e 17 de Agosto de 2014, no Parque da Cidade.

Barcelos, 17 de Agosto de 2014.


Presidente da Câmara Municipal de Barcelos
Miguel Costa Gomes





DIPLOMA

Certifica-se que o(a) Ex.mo(a) Senhor(a) **Júlia Ramalho** participou na XXIV Feira de Artesanato da Foz do Douro, integrado nas Festas de São Bartolomeu, que se realizou entre os dias 21 e 31 de Agosto, no Jardim do Passeio Alegre, Foz do Douro, Porto.

Porto, 31 de Agosto 2014.

Nuno Ortigão

Presidente da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde

94.º Festival

unicer

PORTO
LARANJEIRA

PORTO
Câmara Municipal

UNIAO
DAS FREGUESIAS
ALDOAR
FOZ DO DOURO
NEVOGILDE

Certificado

Certifica-se que

Júlia Bonalho

Participou na 31.ª Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos, promovida pelo Município de Barcelos e pela Empresa Municipal de Educação e Cultura, entre 2 e 18 de Agosto de 2013, no Parque da Cidade.

Barcelos, 18 de Agosto de 2013



Presidente da Câmara Municipal de Barcelos
Miguel Costa Gomes



CASCAIS

O PRESIDENTE DA CASCAIS DINÂMICA, E.M., S.A.

PARTICIPOU NA FEIRA DE ARTESANATO
DO ESTORIL - 2012

Julia Ramalho

CERTIFICO QUE

2012

DO ESTORIL
NA 49ª FEIRA DE ARTESANATO

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

feira de
artesanato
do Estoril



artesanatus

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que Júlia Ramalho participou na XIII Feira de Artes e Ofícios do Porto no período de 9 a 23 de Dezembro de 2012.

Porto, 23 de Dezembro de 2012



Leandro Coutinho
Presidente da Direcção

Confraria da Caca

A Confraria da Caca convida à *Antea Julia Ramalho* a sua presença na 7ª Feira Nacional da Precépio, realizada nos dias 23, 24 e 25 de Novembro de 2012, na cidade de Santa Tereza.



A Confraria

Antea Julia Ramalho
Antea Julia Ramalho

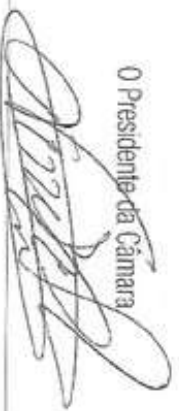
XIX FEIRA NACIONAL
ARTESANATO
E TASQUINHAS
POMBAL

CERTIFICADO

O Município de Pombal certifica que

participou na XIX Feira de Artesanato de Pombal, que decorreu
nesta Cidade de 28 a 30 de setembro de 2012

O Presidente da Câmara



(Marcos Ferreira Mota, Engº)

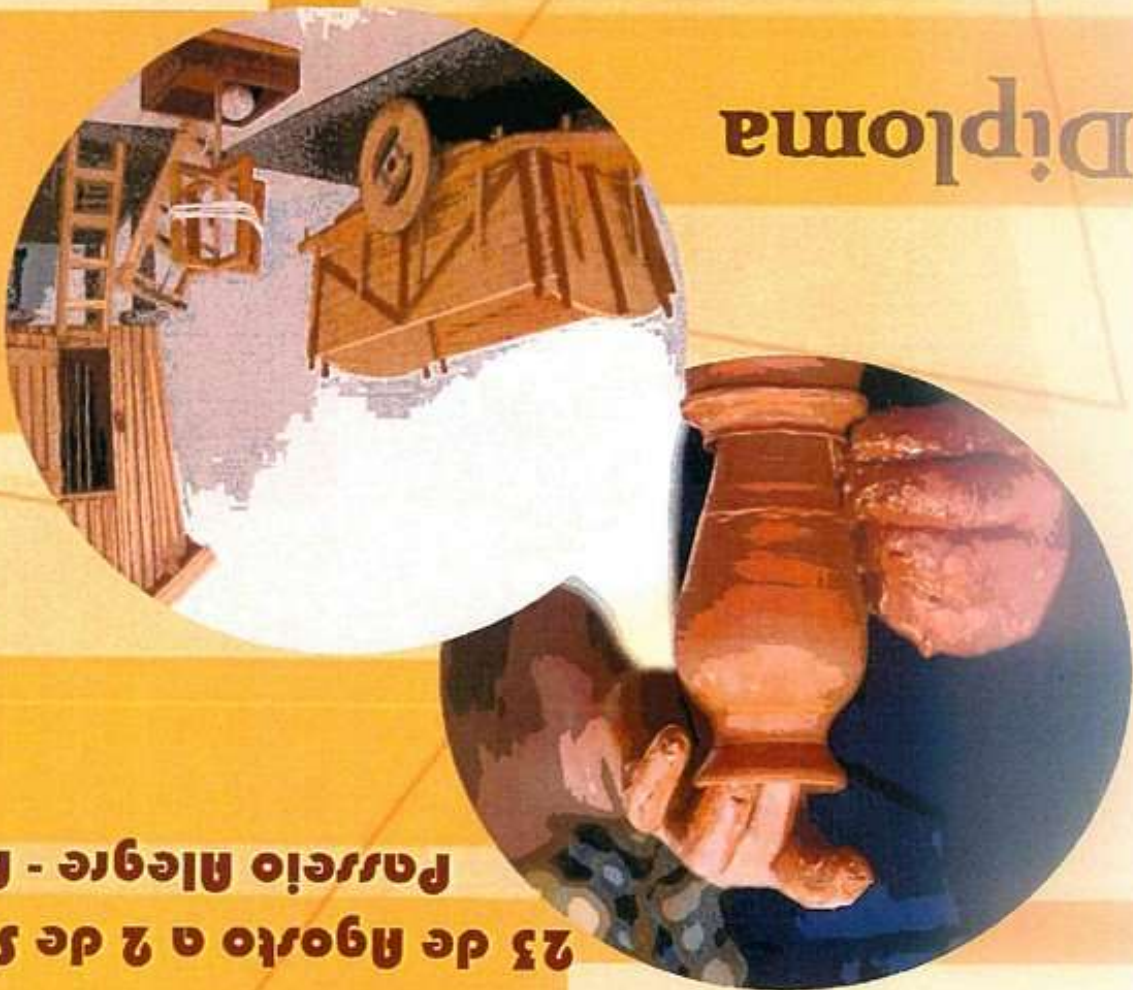
Pombal, 30 de setembro de 2012



Festas de S. Bartolomeu 2012

XXII Feira de Artesanato da Foz do Douro

23 de Agosto a 2 de Setembro
Passeio Alegre - Porto



Diploma

Declarar-se que o(a) Ex.mo(a) Senhor(a) *Julia Ramalho* participou na XXII Feira de Artesanato da Foz do Douro, que se realizou entre os dias 23 de Agosto e 2 de Setembro de 2012, no Jardim do Passeio Alegre, Foz do Douro, Porto.

O Presidente da Junta de Freguesia da Foz do Douro
(Dr. José Pinto Ferreira)

Organização:
Junta de Freguesia da Foz do Douro



Foz do Douro, Porto, 2 de Setembro de 2012



30ª
12ª MOSTRA DE
ARTESANATO E CERÂMICA
27.JUL A 5.AGO // BARCELOS
PARQUE DA CIDADE

Certificado

Certifica-se que Júlia Ramalho
participou na 30.ª Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos, promovida
pelo Município de Barcelos e pela Empresa Municipal de Educação e Cultura,
entre 27 de Julho e 5 de Agosto de 2012, no Parque da Cidade.

Barcelos, 5 de Agosto de 2012

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos
Miguel Costa Gomes



30ª
12ª MOSTRA DE
ARTESANATO E CERÂMICA
27 JUL A 5 AGO // BARCELOS
PARQUE DA CIDADE

Prémio Carreira

Certifica-se que *Júlia Ramalho*
obteve o Prémio Carreira na 30.ª Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos,
promovida pelo Município de Barcelos e pela Empresa Municipal de Educação e
Cultura, entre 27 de Julho e 5 de Agosto de 2012, no Parque da Cidade..

Barcelos, 5 de Agosto de 2012

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos:
Miguel Costa Gomes

 **BARCELOS**
Município



2012



Instituto do Emprego
e Formação Profissional



Certificada de Presença



O executiva da Junta de Freguesia declara e regista a participação da Utesã Júlia Ramalho na Quinta Grande Exposição de Presépias Gaieiras 2011 de 08-12-2011 a 03-01-2012. Renova o agradecimento da excelência dos seus trabalhos expostos e da mais valia dos mesmos para o êxito da exposição.

O Presidente da Junta

(Eduarda Joãa da Rasávia da Silva)

Confraria da Caca

A Confraria da Caca convida à Antea Julia Ramalho a sua presença na 6ª Feira Nacional da Preceção, realizada nos dias 25, 26 e 27 de Novembro de 2011, na cidade de Santa Tereza.



A Confraria

Antea
Antônio Niliary
Proprietário

XI FEIRA DE ARTESANATO DE COIMBRA

CERTIFICADO

A Câmara Municipal de Coimbra, através do Departamento de Cultura, certifica que

Julia Romão

participou na XI Feira de Artesanato de Coimbra, que decorreu no Parque Verde do Mondego, entre os dias 28 de Maio e 05 de Junho de 2011.

Coimbra, 05 de Junho de 2011

Participa:



Participação institucional



A Vice-Presidente

Maria José Azevedo Santos

O Chefe de Divisão Acção Cultural

Joaquim Correia



Departamento de Cultura

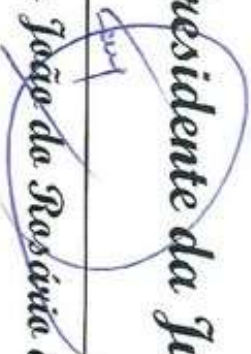


Certificado de Presença



A executiva da Junta de Freguesia declara e regista a participação da Citeza **Júlia Ramalho** na **Quarta Grande Exposição de Presépios Gaeiras 2010** de 04-12-2010 a 02-01-2011. Renova o agradecimento da excelência dos seus trabalhos expostos e da mais valia dos mesmos para o êxito da exposição.

O Presidente da Junta



(Eduardo João da Rosária da Silva)